

EDITORIAL

**HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO:
O LUGAR DAS NARRATIVAS**

Este número da *Revista @ambienteeducação*, publicação digital do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Cidade de São Paulo – UNICID, tem como temática *História de Vida e Formação*. Os artigos apresentados são resultados de pesquisas desenvolvidas nas respectivas instituições e contribuem com valiosas reflexões, explorando múltiplas dimensões da História de Vida, nos processos formativos, apontando o lugar da narrativa para dar voz aos sujeitos, para refletir os modelos de formação que, tradicionalmente, buscavam, apenas na didática, ações para se pensar o ensino e a aprendizagem.

Pensar a formação, na abordagem da História de Vida, é pensar a formação enraizada no percurso de vida dos sujeitos, a partir de suas experiências pessoais. Os artigos sublinham a complexidade que emerge da experiência pessoal, enfatizando a maneira singular/plural de formar, ensinar e aprender. Como mostrou Janet, a reflexão interior constitui uma conduta social interiorizada, uma forma singular de reflexão ou de deliberação consigo mesmo. Acrescentamos, a isto, a relação com o outro e o contexto como formadores de subjetividade e identidade.

A partir da narrativa, extrai-se a pertinência da História de Vida na formação como procedimento de o sujeito aprendente mobilizar-se com o seu mundo interior para a compreensão do mundo exterior, para a compreensão de sua História particular e singular tecida na História da Humanidade.

A narrativa da própria trajetória é um processo de produzir histórias sobre si mesmo; por meio dele, descobre-se a própria maneira de compreender o mundo, o outro e a si mesmo. Há um encontro de histórias da infância, da família, da comunidade, da formação, que estão ocultas e esquecidas no momento presente do indivíduo adulto. Estas histórias precisam de atenção. Assim, é essencial que o professor reconheça e pesquise sobre como foi produzido e como produziu a história que lhe habita.

As narrativas (auto)biográficas visam à articulação de novos conhecimentos, a partir da experiência do professor, oportunizando-lhe, como sujeito aprendente, a construção de teorias significativas e contextualizadas.

No Brasil, atualmente, vive-se um momento muito fértil sobre trabalhos com História de Vida e Formação. Existe a Associação de Pesquisa (Auto)Biográfica, voltada para a formação no âmbito das Ciências Humanas e Sociais. No II Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, realizado em 2006, em Salvador/BA, na Universidade Estadual da Bahia (UNEB), foi plantada a semente da Associação de Pesquisa (Auto)Biográfica, para reunir pesquisadores que trabalham na perspectiva da pesquisa/formação, que tem como objetivo sistematizar as narrativas das experiências pessoais e/ou profissionais como modo de produção de conhecimento científico.

Realiza-se, no ano de 2010, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), o IV Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, organizado por Paula Vicentini. De acordo

com as informações nos Anais do III Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, realizado em 2008, em Natal/RN, organizado por Maria da Conceição Passegi, a história se inicia em 2004, quando ocorreu o I Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)Biográfica, idealizado por Maria Helena Abrahão na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Tais congressos reúnem grupos de pesquisadores, com fontes biográficas sobre memória, história oral e história de práticas de formação. Há um diálogo com pioneiros da História de Vida em Formação e utiliza-se o método biográfico de Mathias Finger, António Nóvoa, Gastón, Pineau, Pierre Dominicé e Marie-Christine Josso, que influenciaram o movimento da Pesquisa (Auto)Biográfica no Brasil.

A comunicação entre os pesquisadores estrangeiros e brasileiros vem se construindo como um terreno fértil, destacando a necessidade de uma concepção inovadora da educação, a partir da escrita de si, da memória de si, como algo formador e transformador.

Nesse sentido, abrimos a revista com o artigo *Recit de soi et formation* de Marie-Christine Delory-Momberger. A autora indica que o recurso à narrativa, nos processos de formação, baseia-se na ideia de que a construção da narrativa de sua própria existência pode ter um efeito formador e transformador sobre o sujeito individual e social. É por meio da narrativa que a experiência de vida dos homens ganha forma e sentido. Assim, o argumento que a autora utiliza nos convida a refletir sobre o fato de que não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história, mas “temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida”. O ato de contar a vida faz parte da dinâmica do *projeto de si*, na medida em que estabelece uma relação dialética entre o passado (reapropriação de sua história) e o futuro (dimensão prospectiva) e abre um espaço de “*formabilidade*” à pessoa em formação. O sujeito narrador é o autor de sua história e dele mesmo.

A pesquisadora Marília Claret Geraes Duran, da Universidade Metodista de São Paulo, em seu artigo *Formação e autoformação*, apresenta uma discussão sobre memórias, histórias de vida e abordagem autobiográfica. Há, neste artigo, a investigação de processos formativos de professores, considerando a abordagem (auto)biográfica. Insere-se na temática da autoformação, entendida como processo de apropriação e reapropriação individual da própria formação. Ao atribuir ao sujeito um lugar central no processo formativo, a autoformação se constitui como um dos processos formativos fundamentais. As discussões apresentadas situam-se na perspectiva daqueles autores que reconhecem, no método biográfico, nas histórias de vida, afinidades heurísticas e formativas em relação à problemática da autoformação.

Inês Bragança mergulha na pesquisa sobre “*Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal*”, buscando dar visibilidade às contribuições da abordagem (auto)biográfica, no campo da pesquisa sobre formação docente. Inicia com um olhar sobre os caminhos trilhados pela história de vida como metodologia no campo das Ciências Humanas e Sociais, destacando interfaces, especialmente, entre a História e a Sociologia, na composição de algumas pistas e conceituações teórico-metodológicas. A seguir, indica caminhos percorridos, na apropriação dessa abordagem, pelo campo de estudo da formação de professores para, então, apresentar a opção metodológica da pesquisa em foco, desenvolvida por meio de entrevistas biográficas com professoras portuguesas e brasileiras, em contexto de pesquisa-formação. A dinâmica da pesquisa indica potencialidades emancipatórias da perspectiva (auto)biográfica, apontando para uma nova epistemologia de investigação e de formação, que se corporifica na dialética entre experiência, memória e narração.

Os pesquisadores Lurdi Haas, Waldiney Jorge Lisboa, Fábio Mariani e Filomena Arruda Monteiro, da Universidade Federal do Mato Grosso, proporcionam, em seu artigo *Narrativas de formações de*

professores que atuam na educação de jovens e adultos: possibilidades investigativo-formativas, reflexões acerca de uma formação continuada colaborativa que envolve os complexos processos formativos/investigativos, implicando mudança nas políticas e práticas de formação de professores. Toma como referencial teórico-metodológico a pesquisa qualitativa, especificada na abordagem de narrativas. Apontam contextos formativos que envolvem o percurso de vida dos professores e a construção de suas identidades profissionais. As discussões encontram substrato na compreensão de que o desenvolvimento profissional da docência é complexo e dinâmico, entrelaçado à vida pessoal e às práticas docentes cotidianas desenvolvidas pelos professores, sendo este processo ressignificado, a partir da reflexão/investigação.

As pesquisadoras Eliana Gasparini Xerri e Maria Helena Câmara Bastos, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, contribuem com o artigo *Docência: uma tradição familiar*. Elas mostram que os estudos prosopográficos são recorrentes na análise de grupos familiares de diferentes setores, tais como política, economia e medicina. Tais estudos não são comuns na docência que é o objeto de investigação deste trabalho. Entretanto, há um estudo de caso, no âmbito da docência, na família Guadagnin: dos 17 filhos de Luiz e Elisa Guadagnin, 11 optaram pela docência, sendo seguidos por 26 netos e alguns bisnetos. É sobre este *corpus* que se buscou fazer um levantamento das características básicas comuns ao grupo. Fotos, registros escolares, relatos orais de seus descendentes foram os recursos utilizados. As conclusões revelam que a história de vida profissional deste grupo familiar funde-se com a própria história da educação, mais especificamente a da cultura de imigração italiana, revelando as práticas escolares comuns de determinadas épocas. Afora isso, o prestígio social atrelado à profissão também aparece como um dos resultados da escolha da profissão pelos descendentes de Luiz Guadagnin.

As professoras Ada Augusta Bezerra, da Universidade Tiradentes (Unit), da cidade de Aracaju (SE), e Margaréte May Berkenbrock-Rosito, da Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), escrevem o artigo *A educação do campo nos retratos de si: políticas públicas, formação, prática pedagógica e biografização sob o olhar da sustentabilidade e alteridade*. Há, neste artigo, as representações e as práticas docentes, presentes na educação do campo, decorrentes de uma política municipal de educação do semiárido do Estado de Sergipe do Nordeste brasileiro. Tais práticas constituem o objeto de estudo desta investigação. O objetivo é identificar a presença ou a ausência da alteridade, como condição para superar a dicotomia cidade/campo e garantir a educação, como direito humano, além de investigar o desenvolvimento científico, tecnológico e social do estado/região/país, em favor do sujeito de direitos. A abordagem metodológica configura-se como pesquisa qualitativa, que contemplou o estudo de caso e a biografização. Os resultados apontam para a necessidade de uma rede escolar própria e de políticas de distribuição de riqueza e reconhecimento para o campo, respeitada a dialética nacional/local, toda/diversidade, reforma agrária/redistribuição da terra, com fundamento na igualdade.

O pesquisador Elydio dos Santos Neto, da Universidade Metodista de São Paulo, com seu artigo *Construção (auto)biográfica e formação de educadores: um olhar desde uma perspectiva transpessoal*, contribui, ao demonstrar um esforço teórico que pergunta sobre a importância, a necessidade e a propriedade da construção de narrativas (auto)biográficas, na formação de educadores, quando se assume um ponto de vista transpessoal. Num primeiro momento, apresenta o que está chamando de concepção transpessoal do ser humano. Mostra as referências teóricas que assume – desde a perspectiva da psicologia transpessoal de Stanislav Grof, da antropolítica de Edgar Morin e da concepção de educação de Paulo Freire –, para explicitar um olhar transpessoal sobre o processo educativo escolar. No segundo momento passa, então, a evidenciar como compreende a construção de (auto)biografias na formação dos educadores,

partindo das elaborações, principalmente, de Franco Ferrarotti, Antonio Nóvoa, Marie-Christine Josso, e de seu trabalho prático com tais abordagens, em cursos de graduação e pós-graduação. Em seguida, explicita a forma pela qual ele percebe as contribuições da construção (auto)biográfica na formação de educadores, desde uma perspectiva transpessoal, afirmando que esta perspectiva compreende e assimila o trabalho com as (auto)biografias, ainda que a recíproca não seja verdadeira. Assim, o autor conclui como a aproximação entre o trabalho (auto)biográfico e a abordagem transpessoal pode ser importante na constituição de sujeitos/educadores, capazes de trabalhar em prol da educação de sujeitos/educandos, com capacidade de autonomia, autoria e inteireza.

No artigo *Alguns apontamentos de narrativas autoformadoras: imagens e imaginários das aprendizagens de professora*, Lúcia Maria Vaz Peres, da Universidade Federal de Pelotas (RS), propõe-se a refletir e problematizar a pesquisa que coordena e vem desenvolvendo, intitulada *Garimpando imagens, memórias, representações e arquétipos nas trajetórias e (auto)biografias de alunas em formação inicial do Curso de Pedagogia da UFPEL: um estudo longitudinal (2006-2009)*. A pesquisa tem como foco Histórias de Vida em Formação e, como objetivo central, acompanhar um grupo de sete alunas do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL/RS). Destaca que a metodologia da referida pesquisa ancora-se em um “olhar para si”, fundamentada em Josso (2004), e no método apresentado por Durand (1988), referente ao “psicologismo metodológico e à metodologia de convergências”. Nesse sentido, salienta que vem sendo construída uma metodologia de convergências, com o intuito de buscar as homologias entre as narrativas autobiográficas, as imagens da infância e as representações atuais. Constata que o uso de narrativas como instrumento de ensino e de pesquisa pode anunciar a possibilidade de outros aportes importantes na Formação do Professor, trazendo à luz o que vai pulsando na vida de cada um. Tal ferramenta vem movimentando reservatórios e imaginários em direção à construção de saberes de si e de outros; do saber-ser e do saber-fazer, simultaneamente. Aposta numa prática, tanto no ensino como na pesquisa, que alimenta e cultiva a florescência das imagens no ser; na experiência do vivido, num processo de redescoberta, revelação e reinvenção do que vem sendo, com vistas ao projeto de formação.

Fechamos esta edição com o artigo da professora Ecleide Cunico Furlanetto. A autora analisa, em seu artigo *Tomar a palavra: uma possibilidade de formação*, os professores que, ao relatarem suas trajetórias de formação, ao reconhecerem suas Matrizes Pedagógicas e ao ensaiarem nomeá-las, aproximam-se de uma Linguagem Pedagógica Pessoal, composta por palavras vivas, que expressam seu ser e revelam questões que fundamentam sua prática. Desta forma, podem intercambiar experiências e os sentidos atribuídos a elas, na comunidade a que pertencem, instigando, aos que dela fazem parte, a compartilhar suas próprias experiências, possibilitando a construção de uma Linguagem Pedagógica Compartilhada.

Esta edição apresenta duas entrevistas que são fundamentais para a compreensão da temática História de Vida e Formação. A primeira é com Marie-Christine Josso. A autora, que faz parte dos clássicos das Histórias de Vida, exerceu/exerce forte influência no Brasil. Na segunda entrevista, apresenta-se para o Brasil o trabalho de Mister John Knight com Autobiografia Cultural nos processos formativos.

Na primeira entrevista, Josso nos instiga a pensar sobre as vivências que constituem o tecido do nosso cotidiano. A autora destaca que os resultados de suas pesquisas biográficas têm mostrado que o desenvolvimento das competências genéricas transversais é importante.

A segunda entrevista com John Knight foi realizada pelo Mestre Roque do Carmo Amorim Neto, que, após a conclusão de seu Mestrado em Educação, na Universidade Cidade de São Paulo, deu continuidade à sua formação na Universidade de Saint Mary's, na Califórnia, Estados Unidos. A entrevista

trata da prática de, aproximadamente, 15 anos, com a utilização de Autobiografia Cultural como parte do curso Cultura e Civilização Americana, que John Knight ministra para estudantes internacionais. Autobiografia Cultural é uma narrativa de vida com particular ênfase nos aspectos culturais que influenciam a pessoa.

Há ainda a Resenha sobre a obra JOSSO, Marie-Christine *Experiências de vida e formação*. São Paulo, Editora Cortez, 2004, 285 p., escrita por Lúcia Maria Vaz Peres e Flávia Griep Mancini, da Universidade Federal de Pelotas (RS), e pela Profa. Dra. Valeska Maria Fortes de Oliveira, da Universidade Federal de Santa Maria (RS). Nesta obra, há dozes capítulos, nos quais se enfatiza a necessidade da realização de um trabalho de reflexões sobre o que foi vivenciado e da nomeação do que foi aprendido: todas as experiências são vivências, mas nem todas as vivências tornam-se experiências.

Nesta edição da *Revista @ambiente educação*, fica evidente a complexidade da temática História de Vida e Formação. Os artigos, as entrevistas e a resenha são imagens de vida, morte, renascimento, pessoa e liberdade. Eles se referem às diferentes possibilidades de compreender a pessoa humana como ser de história, onde se instauram os conflitos e os desafios da percepção, constituída na relação consciência e inconsciência, razão e sensibilidade, objetividade e subjetividade, passado, presente e futuro. Estes são polos que, entre outros, quando conectados, têm ligação com os processos de formação. Portanto, tratam de desvelar elementos fundamentais para a compreensão do processo formativo.

Margaréte May Berkenbrock Rosito
Coordenadora Científica deste número